

EUGENIO NOVAES



20 AGO 1987

Expedito Machado presidiu a reunião do Centro Democrático. Mas a estrela da festa foi Carlos Sant'Anna

Centro se reúne com 40

Sant'Anna domina encontro e evita fracasso

Não fosse a presença do líder do Governo na Câmara, Carlos Sant'Anna, que com seu discurso imprimiu ânimo aos presentes e até arrancou algumas palmas do auditório, a reunião de formalização do Centro Democrático, ontem, teria sido um fracasso. Iniciada com quase uma hora de atraso, e registrando a presença de duas dezenas de constituintes no plenário, ela acabou com mais do dobro desse número de participantes, mas sem decidir nada do que tinha sido anunciado: não elegeu seu líder, nem o presidente e coordenadores e ainda vai discutir os termos da proposta de consolidação.

A baixa frequência, segundo explicou o deputado Basílio Vilany (PR) era consequência da ausência de muitos constituintes em Brasília e porque ele mesmo telefonou pela manhã aos colegas dizendo não ser necessário a presença à tarde. Mas na véspera enviou a todos um convite, em nome da comissão organizadora, que contraria o teor de suas desculpas ao plenário. Apesar do grupo

vir assinalando que o líder Carlos Sant'Anna não era sua figura maior, na reunião de ontem ele provou que na prática, dá as cartas e até assumiu a coordenação alinhando as próximas etapas a cumprir até o dia 30, quando se esgota o prazo de apresentação de emendas ao anteprojeto do relator, Bernardo Cabral.

Ontem pela manhã, por iniciativa ainda de Sant'Anna, os parlamentares do Centro Democrático estiveram com o relator Bernardo Cabral a quem lembraram que era um dos integrantes do grupo e o apoio que recebeu para se eleger relator. Depois, manifestaram as preocupações com o texto que sairá da Comissão de Sistematização e trocaram palavras de confiança, certos de que não desejam se separar por causa da decepção com o anteprojeto que está em debate. Foram no gabinete do Banco do Brasil 35 centristas, tendo à frente o deputado Prisco Viana, que contudo, não foi à reunião à tarde.

A mobilização do Centro Democrático no PMDB po-

derá ser repetida a partir desta semana dentro do PFL. Pelo menos, foi essa a sugestão dada ao líder José Lourenço pelo deputado Carlos Sant'Anna logo após voltar do encontro no plenário, quando o grupo foi formalizado e anunciou seus objetivos de permanecer unido para votar o projeto da nova Constituição.

Sant'Anna lembrou Tancredo Neves ao Centro Democrático, dizendo que "não podemos nos dispersar" e, voltando atrás na opinião de que a formalização do movimento não era a melhor conduta, disse que identificava naquele auditório a reedição do grupo moderado do PMDB, que deu origem à República de Transição. Depois, defendeu que a mobilização se fortaleça, para fazer as emendas ao anteprojeto de Cabral, identificar os pontos que exigem um compromisso de união pelo voto em plenário, aqueles que podem ser enquadrados como questão aberta e os que devem ser negociados com os demais partidos.

Por último, Sant'Anna

advertiu que "agora é hora de ganhar ou perder a Constituição que vamos fazer". Recebeu palmas e, no final do encontro, muitos abraços, principalmente porque o grupo sabia que foi por iniciativa do líder governista que muitos centristas acabaram indo ao local da reunião, prestigiar a mobilização, e evitar que ela se tornasse um fracasso.

Lá esteve também o deputado Roberto Cardoso Alves, idealizador do bloco de centro suprapartidário, que, contudo, negou ser um membro do Centro. Fazia apenas uma visita de cortesia, justificou. Um outro deputado, Geraldo Martins, de Rondônia, foi ver e ouvir, mas não ficou além de 10 minutos e saiu advertindo aos jornalistas que o poupassem de colocar seu nome entre os centristas.

Eles repetiram ontem que são mais de 100, mas no plenário não passaram de 40 os constituintes que compareceram à reunião do Centro Democrático.

Ulysses não gostou nem

um pouquinho

O presidente em exercício deputado Ulysses Guimarães não quis comentar a formalização do bloco centro-democrático. Durante a exposição feita pelo deputado Expedito Machado (PMDB-CE) Ulysses ficou calado, não demonstrando nenhuma afeição pela concretização do movimento. Expedito aconselhou aos jornalistas a perguntarem ao próprio deputado para saber a sua opinião.

Expedito disse para Ulysses que a estrutura partidária não está condizente com o atual momento político, porque quando ela foi elaborada, o maior partido tinha apenas 80 parlamentares. Agora, o PMDB tem mais de 300 parlamentares, lembrou. Mas ele garantiu: "Para onde o PMDB for o grupo vai". Ele disse que o principal objetivo do grupo é fortalecer o líder, e aprovar uma constituição moderna.

O deputado garantiu ainda para Ulysses que o bloco não pensa em ser independente a ponto de se constituir num partido político, mas não descartou a possibilidade de o grupo lutar por uma participação maior na direção do partido.

O bloco, de acordo com o deputado conta com 120 parlamentares. Agora vai ser escolhido o conselho consultivo, que deverá ter 24 representantes, já que a ideia é um líder por estado.

Esquerda furiosa

MENDES RIBEIRO *

Jeferson: "Toda a arte de governar consiste na arte de ser honesto".

Depois da fragorosa derrota do PT e da CUT em São Paulo, no Sindicato dos Metalúrgicos, e o surgimento de um novo conceito de sindicalização (o assalariado não deve sustentar política profissional. Muito menos se atritar com todos os partidos em benefício de um só, tenha a sigla que tiver), as piadas começam a surgir.

Uma noite destas, um jovem jornalista, dos que têm a cabeça no lugar e entendem a estatização imbecil pelo estrangulamento do mercado de trabalho e o monopólio da opinião, salientava a propriedade de destruir os bons. O correto, dizia, é incentivar — pelo menos incentivar — os menos desenvolvidos para se tornarem melhores. E seguia brincando.

Deixei a esquerda radical. Passei longe da festa. Estou, agora, na esquerda furiosa.

A roda ficou quieta. Ele desenrolou.

— Somos todos ricos. Começamos, na pior das hipóteses, como donos de rede hoteleira no Nordeste. Moramos em mansões de causar inveja. Reclamamos contra os subsídios de todos sem abrimos mãos dos nossos. Pelo contrário. Dividimos o mesmo apartamento recebendo auxílio-moradia.

Ah! Em tempo, nunca discursamos contra jets. Nem recusamos. Somos, francamente, a favor do carro zero. O mais caro. Cumprimos nossa missão. Ajudamos os metalúrgicos de São José dos Campos. Compramos dólar no câmbio negro esperando a valorização para ajudar a pagar a dívida externa do Brasil. O charuto vem de Havana, trazendo os ventos de Fidel Castro.

Feçamos, integralmente, com a CNBB. Queremos reforma agrária. Como, não perguntem. Esta história não pode continuar. Tem que dar terra, semente, adubo, máquina, financiamento. Quem vai pagar é outra história, desde que não sejamos nós. E, é claro, não retirar o dinheiro público das escolas particulares. Seria o fim de todas elas. O negócio não ficaria garantido. A esquerda furiosa é assim. Faz o que eu digo e não o que eu faço.

Regimento, Constituição, tudo o que anda por aí somente tem sentido se a minoria governar. Porém, caso não conseguirmos, vocês vão ver só o que vai acontecer.

Uma greve depois da outra. A bagunça e, se possível, uma guerrilha civil para ficar tudo sob medida.

Parem com essa de perguntar de onde vem o dinheiro.

Ora, vem.

Também é pura bobagem indagar por aí como andamos com os donos de jornal, rádio e televisão. Isso é coisa da direita. Embora, cá para nós, sem exceção, tenhamos as melhores relações, não dispensando espaço por menor que seja.

Aliás, jantamos seguidamente com os "monopolistas".

Porém, é claro, tendo o cuidado de pedir segredo. Onde já se viu?

O resto é com os panfletos. A esquerda furiosa não se conforma em não mandar nos jornais alheios.

Um dia, quando ganharmos as eleições, vocês vão ver. Fecharemos tudo isso. Ficaremos com uma rádio, um jornal, uma televisão. Só nós opinaremos. Será o céu. Ninguém dirá o contrário.

O guri terminou o discurso. Pagou a conta. Acendeu o charuto. Tomou o carro zero comprado em homenagem aos metalúrgicos.

Bem-humorada a esquerda furiosa.

Não há um só socialista ou comunista no Brasil que resista a uma piscina no fundo do quintal.

Deputado pelo PMDB do Rio Grande do Sul, jornalista e radialista